

“PRO SYMBOLO”: BREVE ANTOLOGIA TRADUZIDA DA POESIA DE TENDÊNCIA SIMBOLISTA NA ITÁLIA

Gleiton Lentz
Mestrado em Estudos da Tradução - UFSC

RESUMO

Apresenta-se uma antologia traduzida da poesia de tendência simbolista na Itália produzida entre o tardo *Ottocento* e o primo *Novecento*.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução literária; Poesia simbolista italiana; Antologia.

“PRO SYMBOLO”: BRIEF TRANSLATED ANTHOLOGY OF SYMBOLIST TREND POETRY IN ITALY

ABSTRACT

A translated anthology of symbolist trend poetry produced in Italy between the late nineteenth and early twentieth century is presented.

KEYWORDS

Literary translation; Italian symbolist poetry; Anthology.

“Simbolismo è arte libera, cioè che adopera dei simboli, o sia delle imagini,
per rappresentare le idee, ciascun poeta ed artista, è simbolista.”
(Lucini, *Il Verso Libero*)

Arturo Graf (Atenas, 1848 – Turim, 1913)

OCASO

Morre o dia; o ar mudo não respira,
o horizonte se nubla e se perde;
negras no céu as árvores se põem,
se adensam as sombras no imenso verde.

Frio é o meu coração; se me abrumam
as ameaças do mundo e da sorte;
de lembranças meu pensar se revira;
triste é a minha alma até à morte.

MISTÉRIO

Ó velho, ó triste, ó desditado mundo,
quem me revela o teu fatal segredo?
Em vão, ai de mim, repito-me o enredo,
em vão o olhar no teu ventre afundo.

Em vão me faço do pensar um veto,
em vão de ti eu fujo, em vão refundo;
lasso, aflito, agourento, irrequieto,
eu do teu mar sinto girar ao fundo.

À cada dia a dolorosa queixa
o coração me aperta; a infausta cura
o espírito anelo respirar não deixa.

Um frio pavor me investe e me arrebatá;
eu sucumbo de medo e de amargura;
teu mistério inexpugnável me mata.

Giovanni Pascoli (San Mauro di Romagna, 1855 – Bolonha, 1912)

O MOCHO

Anuário de Literatura, ISSN: 2175-7917, vol. 14, n. 1, 2009, p. 186

Onde estava a lua? que inteira
na aurora de perla sumia,
e a amendoeira e a macieira,
p'ra vê-la, se erguiam, parecia.
Chegavam rajadas de lampos
ao longe de um nimbo sombrio;
chegava uma voz lá dos campos:
pio...

As estrelas todas brilhando
na névoa de leite eram raras:
sentia eu o mar balouçando,
sentia um frufu entre as xaras;
sentia por dentro um tormento,
o eco de um grito que se ouviu.
Soava distante o lamento:
pio...

Nas lúcidas copas vibravam,
em todas, suspiros de vento:
os gafanhotos agitavam
finíssimos sistros de argento
(tinidos em portas não vistas
que não se abrirão mais a fio?...);
e um pranto de morte se avista...
pio...

O TROVÃO

E na negra noite como o vazio,
de repente, co'a fraga que com tudo
rui, o trovão ribombou inesperado:
ribombou, rechaçou, rolou mudo,
e calou, e remarejou refrato,
e logo esvaiu. E um canto delicado
de mãe, e o mover de um berço, se ouviu.

Gabriele D'Annunzio (Pescara, 1863 – Largo de Garda, 1938)

O PRAZER

(excerto)

O verso é tudo. Na imitação da Natureza instrumento algum de arte é mais vivo, ágil, agudo, variado, multiforme, plástico, obediente, sensível, fiel. Mais compacto que o mármore, mais maleável que a cera, mais sutil que um fluido, mais vibrante que uma corda, mais brilhante que uma gema, mais perfumado que uma flor, mais cortante que uma espada, mais flexível do que uma

vergôntea, mais carinhoso que um murmúrio, mais terrível que o trovão, o verso é tudo e pode tudo. Pode expressar as mínimas vibrações do sentimento e as mínimas vibrações da sensação; pode definir o indefinível e dizer o inefável; pode abraçar o ilimitado e penetrar no abismo; pode ter dimensões de eternidade; pode representar o sobre-humano, o sobrenatural, o ultra-maravilhoso; pode embriagar como o vinho, arrebatado como um êxtase; pode ao mesmo tempo possuir o nosso intelecto, o nosso espírito, o nosso corpo; pode, enfim, chegar ao Absoluto. Um verso perfeito e absoluto, imutável, imortal; leva consigo as palavras com a coesão de um diamante; encerra o pensamento como em um círculo exato que força alguma jamais conseguiria quebrar; torna-se independente de todo laço de todo domínio; não pertence mais ao artífice, mas é de todos e de ninguém, como o espaço, como a luz, como as coisas imanentes e perpétuas. Um pensamento expresso exatamente em um verso perfeito é um pensamento que já existia pré-formado na profunda obscuridade da língua. Extraído pelo poeta, continua a existir na consciência dos homens. O maior poeta é, pois, aquele que sabe descobrir, desenvolver, extrair um maior número dessas pré-formações ideais. Quando o poeta está próximo da descoberta de um desses versos eternos, é advertido por uma torrente divina de alegria que lhe invade de repente todo o ser.

UM SONHO

Eu não ouço pela alameda muda
meu pés por onde o Sonho me conduz.
Faz-se a hora do silêncio e da luz.
E o céu um velário perlado desnuda.

Tocam os ciprestes com suas escuras
pontas este céu: imóveis, sem pranto;
mas estou triste, e nem são um tanto
tristes os ciprestes das sepulturas.

A vila ao redor é desconhecida,
quase informe, por antigo mistério
habitada, onde meu pensar aéreo
se perde, na alameda emudecida.

Eu não ouço meus passos. Eu sou como
sombra; minha dor é como uma sombra;
toda minha vida é como uma sombra
vaga, incerta, indistinta, sem nome.

Gian Pietro Lucini (Milão, 1867 – Breglia, 1914).

PROLEGÔMENOS (excerto)

III.

E por que, então, ao buscar o novo se torna ao antigo? Existem formas imemoriais indestrutíveis, signos perceptíveis e já aprimorados que identificam a humanidade no símbolo. O *símbolo* é como a existência: nem a existência carece de evolução, porque contínuo movimento, nem como existência carece de objetivo o quanto *for*. As atitudes humanas, as forças, ou seja, os vícios e as virtudes, existem, pois, com a vida; por isso, a representação, ou seja, a percepção dessas coisas abstratas ao pensamento e, portanto, o símbolo supremo, que é o resultado da substância moral descrita, como a fórmula física e matemática, é o resultado do fato que pretende expressar. O progresso evolui com o tempo e com a educação dessas primeiras atitudes, mas transmutando-as não as suprime, como as revoluções reformam a sociedade mas não a anulam; eis, então, o símbolo moderno. A Civilização sempre foi o resultado de algo já feito: é nosso símbolo enquanto queremos fazer. – A arte sempre fez uso dessas imagens, sujeitou-as às exigências do tempo e do homem, mas deixou intacta e invencível a substância primária: a arte foi eclética, não se voltou para si mesma, o que seria um artifício danoso; mas pela sua majestade, pela sua beleza, pela sua graça se impôs sobre o homem e foi a primeira ciência do sentimento, história dos sentidos, harmonia das palavras que surgiram antes da música, das ciências e das religiões. – O que é a arte senão uma série de representações; e as representações senão uma série de imagens? Ora, a imagem é o resultado direto do ente natural, ou, no simples esforço de detê-lo, o elemento humano não entra como máximo coeficiente? Em tal caso, esse elemento sempre tirará ou acrescentará, seja pela fraqueza, seja pela exuberância do sujeito representado, alguma substância que queira ser representada, de modo a deformar a imagem. Assim, a arte é, pois, o intérprete da natureza à humanidade, quando a humanidade não apenas confronta o aspecto sintético do mundo exterior, mas também quando sente no poema, na obra plástica e sinfônica, a própria personalidade, o próprio “eu” coletivo daquele momento e daquele estado.

O PRELÚDIO

I.

Dos incensários o perfume expira
em torno aos Tronos e Jardins divinos:
com o cantar das aves, os violinos
se afinam suavemente com as liras
vão por rios azulados em bravura
as galés destemidas, e por sobre
as escadas recebem Sire, o nobre,
os Hierofantes, graves na medida:
se renovam os Ritos, na lua nova
os necromantes recolhem verbenas:
ao mar borrascas e hinos de Sirenas
entre escolhos e enigmas entre estrelas:
piam corujas aos mirtos, e pelas
tumbas põe-se a buscar o Vilanova.

II.

Correndo em meio a selvas tenebrosas
atrás de belas tristes e jocundas:
Divindades graciosas, de alvas rosas
nascidas ou do borbulhar das ondas:
disputas, pela noite, e cansativas

obras de Ensaio, pois enquanto à margem
das Miragens Gloriana ouve as altivas
vozes de sua razão, e loura-brunas

Acrasias, e ardis e encantamentos:
(está o ar mudo e em si suspenso espera
a maravilha do acontecimento:)
e lutas danças e alegres presságios
no panteísmo que Spinoza gera,
e cavalgadas de Virgens e Magos.

Assim vai, Formas e Sonhos ao meio,
a maga Poesia dos ideais:
vai pelas nuvens, não sente os anseios
da Carne, pois sabe as obras geniais
Esperança e Desejo, distinguir,
fulvos quedos e certos do Porvir.

Ceccardo Roccatagliata Ceccardi (Ortonovo, 1872 – Gênova, 1919)

COLÓQUIO SENTIMENTAL

(Imitação de P. Verlaine)

No gélido parque onde a nua ramagem
ergue-se tingida de gris, na bruma,
e pelas alamedas se consuma
a relíquia rosada da folhagem,
– no parque – entre aléias fulvas e geadas,
duas Sombras passaram apressadas.
Estão as pupilas sem olhar: mortas:
um eco de palavras semimortas
chega – apenas – nos nevoeiros imotos:
têm moles lábios e pálidos rostos.
Dois fantasmas no parque desolado
evocaram o fúlgido passado....
– Diz-me, recordas nossos sonhos, ainda?
– Porque queres que recorde? – Pois ainda,
ao meu nome, não te tremeu o coração?
– Porque tu queres que ele trema?... Não!...
– Oh os doces dias em que juntamos
as bocas e nossa esperança alçamos,
e por nostálgico querer vencidos
as almas em sonho quase fundimos!
– Oh possível?... pois o sol algum dia
riu benigno? – As violetas algum dia
rebutaram? Possível?... – Oh a vencida

espera que fosco céu foge evita!....
... Vão assim pelo parque onde a ramagem
– nua – entorpece no ar desolado:
a noite sozinha ouve o palavreado;
e a terra é a relíquia da folhagem....

OS ROSTOS DOLOROSOS

Nos rostos dolorosos, nas frentes pacientes
brilha quietamente efuso, um palor da Alba
e nos olhos estagna a paisagem dealba
dos burgos que divagam à sombra dos poentes.

Como uma velha senda encavam-lhe as olheiras
corroídas por chuvas sem fim e silenciosas;
e os lábios que um obscuro poder, como o das rosas
mortas nos livros, rasga, falam sobre quimeras.

Na frente roça às vezes uma carícia de alas;
A morte? – E, como um breve interstício de opalas
que se abre em meio a nuvens misteriosas, os olhos

entrevêm o escorço de um burgo florido
maravilhosamente. O coração e os joelhos
tremem. E o lábio exangue murmura: Oh, o Infinito!

Dino Campana (Marradi, 1885 – Castel Pulci, 1932)

I. A NOITE (excerto)

Recordo uma velha cidade, vermelha de muros e turrígera, queimada sobre a planície interminável em Agosto tórrido, com o distante refrigério de colinas verdes e moles ao fundo. Arcos enormemente vazios de pontes sobre o rio pantanoso em magras estagnações plúmbeas: silhuetas negras de ciganos móveis e silenciosas à margem: em meio ao fulgor distante de um canalial distantes formas nuas de adolescentes e o perfil e a barba judaica de um velho: e de repente do meio da água morta as ciganas e um canto, pelo pântano áfano uma nênia primordial monótona e irritante: e do tempo foi suspenso o curso.

* * *

Inconscientemente eu levantei os olhos à torre bárbara que dominava a alameda longuíssima dos plátanos. No silêncio feito intenso ela revivia o seu mito distante e selvagem: entretanto por visões distantes, por sensações obscuras e violentas um outro mito, também místico e selvagem voltava-me de repente à mente. Lá longe trouxeram as longas vestes suavemente rumo ao esplendor vago da porta as meretrizes, as antigas: o campo entorpecia então na rede dos canais: meninas com

penteados ágeis, com perfis de medalha, sumiam de repente nas carriolas detrás dos volteios verdes. Um toque de sino argênteo e doce pela distância: a Noite: na igreja solitária, à sombra das modestas naves, eu apertava Ela, das carnes róseas e dos inflamados olhos fugitivos: anos e anos e anos se fundiam na doçura triunfal do recorde.

* * *

Inconscientemente aquele que eu fui se achava iniciado rumo à torre bárbara, a mítica guardiã dos sonhos da adolescência. Subia no silêncio das ruelas antiqüíssimas ao longo dos muros de igrejas e de conventos: não se ouvia o rumor dos seus passos. Uma pracinha deserta, casinholas espremidas, janelas mudas: ao lado em um clarão enorme a torre, octocúspide vermelha impenetrável árida. Uma fonte quinhentista calava aridificada, a lápide partida no meio da sua inscrição latina. Desenrolava-se uma estrada de pedra e deserta rumo à cidade.

A QUIMERA

Não sei se entre as rochas o teu pálido
Rosto me apareceu, ou sorriso
De distâncias ignotas
Foste, a pendente ebúrnea
Fronte fulgente ó jovem
Sóror da Gioconda:
Ó das primaveras
Apagadas, por teus míticos palores
Ó Rainha ó Rainha adolescente:
Mas por teu ignoto poema
De volúpia e de dor
Música menina exangue,
Marcado por uma linha de sangue
No círculo dos lábios sinuosos,
Rainha da melodia:
Mas pela virgem cabeça
Reclinada, eu poeta noturno
Velei as estrelas vívidas nos pélagos do céu,
Eu por teu doce mistério
Eu por teu devir taciturno.
Não sei se a chama pálida
Foi dos cabelos o vivente
Sinal do seu palor,
Não sei se foi um doce vapor,
Doce sobre a minha dor,
Sorriso de um rosto noturno:
Olho as brancas rochas as mudas fontes dos ventos
E a imobilidade dos firmamentos
E os túmidos riachos que vão em lamentos
E as sombras do labor humano curvas lá nas colinas algentes
E ainda por tenros céus distantes claras sombras correntes
E ainda te chamo te chamo Quimera.

Arturo Onofri (Roma, 1885 – Roma, 1928)

PARTIDA

Com suas cândidas palomas, a casa abriu vôo em direção ao mar.

Na aurora, com uma leve sacudida, fez crepitar suas raízes de pedra e as libertou pouco a pouco da rocha branda da colina.

Soltou-se de repente, entre o revoar das asas, pelos belos roseirais que sobem ao longo de seus muros celestes, que em vão tentaram impedi-la, e caíram embaixo sobre os úmidos encavos das fundações.

Ficou sozinha a sebe verde com os olmos em círculo à espera, e as coméias que transpiram mel junto ao canteiro turquês dos lírios, – e um melro que pia um instante sobre a laje finafina do jardim.

SONO DE NUVEM

Empalidece o céu,
ofuscado por um véu de rosa
na brisa ligeira
que não faz mover folha de mimosa
e ousa
pelas pálpebras da noite inteira
despertar as estrelas
em um olhar vívido, a variar
quase por cílios invisíveis, do ar.
Quem entre os ramos murmura?
Quem sonha, se ainda agora
a luz vermelha perdura
parecendo uma aurora?
Alguém perto a dormir está,
exalando vagos ruídos noturnos;
e abaixo as nuvens cansadas e lentas,
cheias de sono, caem
em róseos bandos lá
por cerúleas enfestas
p'ra suavemente se acomodarem
ao longo dos flancos da montanha
que se enche de sombras violetas.
Dormirão um sonho mágico
sobre os leitos das florestas
na luz argêntea que estagna
placidamente até a alba
sob a lua dealba.

REFERÊNCIAS

CAMPANA, Dino. *Canti Orfici e altre poesie*. A cura di Renato Martinoni. Torino: Einaudi, 2003.

CECCARDI, Ceccardo Roccatagliata. *Il libro dei frammenti*. A cura di Paolo Zoboli. Genova: San Marco dei Giustiniani, 2003.

D'ANNUNZIO, Gabriele. *Il piacere*. A cura di Giansior Ferrata. Milano: Mondadori, 1989.

_____. *Poema paradisiaco*. A cura di Annamaria Andreoli. Milano: Mondadori, 1989.

GRAF, Arturo. *Medusa*. A cura di Anna Dolfi. Modena: Mucchi Editore, 1990.

LUCINI, Gian Pietro. *Il libro delle figurazioni ideali*. A cura di Manuela Manfredini. Roma: Salerno Editore, 2005.

ONOFRI, Arturo. *Arioso/Orchestra*. A cura di M. Vigilante. Trento: La Finestra, 2002.

PASCOLI, Giovanni. *Myrica*. A cura di Gianpaolo Borghello. Bologna: Zanichelli, 1996.